

ANC

88

A sociedade e o momento histórico

08079 0

OZIREZ SILVA

16 OUT 1987

Há pouco tempo, um grupo de empresários, ao receber prêmios pelo seu desempenho gerencial e profissional em 1986, manifestou o quanto gostaria de ver o Brasil como o maior premiado. Com satisfação abririam mão dos seus prêmios em favor do País.

Infelizmente isto não pôde ocorrer. Trocaram idéias e se perguntaram das razões do por que não. Em que se falhou? Muitas explicações foram formuladas mas houve algo que se caracterizou como um denominador comum: concordou-se e se reconheceu a tradicional dificuldade da cultura brasileira de aproveitar as lições do passado e se beneficiar das suas experiências; fatos reais vividos, alguns até recentes, não têm sido levados em consideração para buscar mecanismos e soluções para problemas presentes e futuros.

Dentro da mesma linha pode-se constatar a continua tendência de se trabalhar sobre os efeitos sem que as causas sequer tenham sido tocadas, embora muitas vezes se apresentem com muita clareza.

O Brasil vem de grandes transformações nos últimos 30 anos. Saiu de uma estrutura fundamentalmente agrícola para uma posição de emergente potência industrial. Este desenvolvimento foi garantido por um mercado, inicialmente não muito sofisticado, estimulado por planejamentos espódiços que, por razões devidas mais a pessoas do que a agências governamentais, apresentaram êxitos setoriais significativos. No entanto, somos forçados a admitir que pragmatismo, planejamento e eficiência não têm sido constantes na nossa evolução histórica, embora anoteemos sucessos expressivos nestes últimos 30 anos. Portanto, não há nada de estranho que se tenha, como resultado, contradições e distorções contra as quais todos reclamam apesar de que, sob certa escala, cada um tenha também um pouco de culpa. Afinal é da natureza humana buscar culpados.

Entre os mais visados, o Governo é o primeiro a ser apontado como causa de todos os males e, certamente, em razão da constante e marcante presença do Estado brasileiro na vida nacional, em particular na economia.

Os técnicos, com sua formação cartesiana, tentam limitar o comportamento e o desempenho das pessoas e das organizações em números finitos de variáveis. O homem, entretanto, é por demais complexo para se ajustar a este reótipos por mais abrangentes que possam parecer. E importan-

ter haver entendimento entre nações e crescimento conjunto. A própria Europa emerge de 1.000 anos de guerra para uma inédita colaboração internacional que aniquilou fronteiras políticas, juntando diferentes tradições, costumes, raças e línguas em programas comuns de progresso compartilhado.

O modelo asiático também está aí para demonstrar que, mesmo com separações oceânicas de grandes dimensões e a virtual ausência de recursos naturais, somente se usando seres humanos, associando cérebros ao trabalho, o que era destruição e desesperança transformou-se em riqueza e prosperidade. E o que mais surpreende, tudo isto aconteceu no prazo de uma geração apenas.

Nós estamos num lado do Globo onde a própria geografia nos obriga à integração — a América Latina, um grande mercado, numa extensão territorial situada em região de condições amenas e atrativas, com praticamente todos os recursos naturais essenciais, água, petróleo, terras agricultáveis, minérios etc. No entanto, o entendimento, em que pese a uma retórica explicitada a cada momento, não passa de tímido ensaio isolado. Falamos muito e realizamos pouco, e este pouco tem como constante a desconfiança e a busca de oportunidades mesquinhas de curto prazo, nada oferecendo em troca, afastando-se da grandeza de uma colaboração aberta, franca e leal.

A consequência está à vista! Problemas internos e crônicos de cada País se constatarem no dia-a-dia: a pobreza endêmica, sobre territórios ricos e promissores, gerando países de custo social alto para uma população remunerada, em média, a padrões abaixo do mínimo para a sobrevivência digna do indivíduo e de sua família.

Paralelamente, pequenas minórias têm atuado com certo êxito, tentando impor um isolacionismo ao Brasil, que não se coaduna com suas tradições e com o que é mais importante, com suas necessidades, adotando um esquema quimérico de que não estaríamos num mundo interdependente e que poderíamos ser auto-suficientes. Ignorando, e, o que é mais importante, rejeitando reconhecer que a estratégia a seguir é aquela da colaboração e cooperação entre indivíduos, entre cidades, entre Estados, entre Países e entre Nações. Subestimando que, quer queiramos ou não, concordando ou não, sempre seremos influenciados por forças externas, não as oriundas das armas, mas

ANC 8

te entendermos isto no momento em que o País escreve história redigindo uma nova Constituição. Parece oportuno citar um trecho do discurso pronunciado pelo Deputado James Wright, Presidente da Câmara dos Deputados do Congresso dos Estados Unidos, em maio passado, por ocasião dos 200 anos da Constituição Norte-americana:

"Em 1787, os Estados Unidos estavam conturbados.

Os tempos eram difíceis. Não se respeitavam os artigos da Confederação. Os Estados taxavam as mercadorias dos outros Estados e ninguém pagava

impostos ao Governo Central, que estava endividado e não podia manter um exército.

Os britânicos bloqueavam nossas portas. A vida nacional era tão grande e estava tão perto da insolvência,

que se chegou a falar da venda de alguns Estados.

A Espanha era a dona da Flórida e estava interessada

em comprar as Carolinas. Estes eram os Estados Unidos

no ano em que se redigiu a Constituição".

Há, portanto, muita similaridade com o nosso momento atual e, em que pesem nossas críticas ao presente e desconfianças para com o futuro, está claro que as responsabilidades das pequenas elites brasileiras são grandes. Essas elites não têm o direito de se omitir e, ao contrário, precisam assumir com coragem, e mesmo atrevimento, as teses e princípios em que acreditam.

No momento em que o Brasil enfrenta tantas dificuldades materiais uma alternativa se impõe: a do crescimento, o qual, estamos convencidos, não poderá ocorrer de maneira alguma como obra do acaso. Ele somente virá como fruto de um processo planejado e articulado que possa, com eficiência e criatividade, aproveitar os recursos materiais, humanos e financeiros escassos de um País, onde tudo — ou quase tudo — está por construir.

Vivemos em um mundo crescentemente competitivo e competente. Outras áreas do Globo estão demonstrando que é possível

aquelas mais fortes, contudentes e definitivas, as da inteligência e as da competência.

Hoje, alguns jargões viraram moda e todos, em geral, baseados nas ações de contramão, isto é, ao invés de indicarem-se novos caminhos, tem se preferido interditar os antigos. Creio que gostaríamos mais de encontrar estímulos e induções do que proibições e limitações. Em suma viver um clima de liberdade, inclusive para empreender. Procura-se cortar o déficit público — todos entendemos a necessidade — mas o que se oferece em troca? Se o Governo não pode gastar, o que não há dúvidas a respeito disso — aliás o Presidente Tancredo Neves e o Presidente Sarney declararam: "É proibido gastar" — o que fazer então para manter o ritmo essencial de investimentos? A resposta é clara: indução da participação individual do empreendedor brasileiro ou do estrangeiro que acreditem no País. Ai novamente vem à tona a experiência da década dos 60, que transformou este País na oitava economia do mundo. Houve erros sim ou houve! Vamos corrigir, mas não podemos negar os resultados. Em resumo, se o Governo não pode crescer, que cresçam o povo, as empresas, o País.

Temos duas alternativas: reclamar em relação ao que não foi feito no passado ou examinar em função do que podemos aprender com as dificuldades e tentar equacionar o futuro. Creio que ninguém terá dúvida para aceitar a segunda.

Todos esperamos que, no novo horizonte que se traça para o País, se consiga a consagração do trabalho, da honestidade e da competência para que cada indivíduo, como numa corrida, tenha o direito de a disputar segundo o mesmo ponto de partida, mas admitindo que vencerá o melhor, dentro do mais equitativo espírito de competição.

Se conseguirmos isto, mais com sugestões e participação do que com críticas, estaremos pavimentando uma sólida estrada para dias melhores nos quais nossos filhos poderão usar seu tempo para trabalhar e construir um País digno, justo e rico, com o qual nossa geração ainda sonha.

Ozires Silva é presidente da Petrobrás Petróleo Brasileiro S.A.